

# Constantino Jr., da Gol, quer uma ponte aérea Rio-SP mais barata

Empresário espera DAC para operar com passagens 30% mais baratas

Editoria de Arte

Gilberto Scofield Jr.

• Em situações normais, a primeira coisa que mais agrada ao empresário Constantino de Oliveira Jr., de 33 anos, presidente da companhia aérea Gol, é pilotar aviões, ainda que nunca ele tenha se sentado no manche de um dos 11 Boeings 737-700 que integram a frota de sua empresa. Mas neste exato período carnavalesco, a primeira coisa que mais agradaria ao empresário seria um telefonema do Departamento de Aviação Civil (DAC).

Explique-se: o empresário está otimista e acha que, logo após o carnaval, o DAC vai conceder as licenças pedidas pela Gol para operar frequências na disputada ponte aérea entre os aeroportos de Santos Dumont, no Rio, e Congonhas, em São Paulo.

— Pedimos 18 frequências diárias, 36 ida e volta, e estamos prontos para entrar em operação no dia seguinte à concessão da licença com passagens até 30% mais baratas — diz o empresário.

## Ponte aérea pode custar R\$ 200

• A concorrência — que cobra R\$ 287 por apenas um trecho da ponte aérea — deve estar apreensiva. Afinal, a passagem da ponte aérea da Gol, se tiver mesmo o desconto prometido, custará cerca de R\$ 200. Na ida e volta, uma economia de quase R\$ 200.

Constantino, que não chegou a completar o curso superior de Administração, sorri satisfeito. Na época em que a Gol começou a operar, em 15 de janeiro de 2001, com 51 vôos diários e seis aviões, oferecendo passagens até 35% mais baratas, as concorrentes juraram que a empresa não sobreviveria meses.

— Falaram que a gente morreria em seis meses. Depois, disseram que de setembro, início da baixa temporada, a gente não passava. E estamos aí, prestes a receber três novos aviões — diz ele.

Pois bem. A Gol completa pouco mais de um ano com 11 aviões, 16 municípios atendidos, 1.300 funcionários, 60% de ocupação de assentos na baixa temporada (para uma média de mercado de 55%), faturamento em 2001 de R\$ 270 milhões e, segundo Constantino, um pequeno prejuízo, que deve se transformar em lucro este ano.

aérea nada tem a ver com as empresas de ônibus.

Constantino Jr. foi parar na presidência da Gol por uma aptidão especial. Entre os dois filhos que tinham noções administrativas — ele e o irmão Joaquim — o empresário era o único que falava inglês.

— Não é macarrônico, como dizem por aí — avisa.

Sua rotina é dividida entre o Itaim, em São Paulo, onde mora com a mulher e a filha de 12 anos de um casamento anterior; Brasília, onde fica a sede principal das empresas de ônibus; e Belo Horizonte, onde fica a família da mulher. Acorda cedo para a imprescindível aula de ginástica localizada e musculação, que faz todos os dias, e segue às 8h30m para a Gol, onde fica geralmente até as 21h. Além de pilotar aviões e da atividade física, Constantino Jr. gasta seus fins de semana com atividades esportivas radicais, como *trekking*, esqui aquático e *mountain bike*.

— É saudável, ajuda a relaxar — explica.

Nada mal para um executivo que, há mais de um ano, ajudava o pai, Nenê Constantino, a administrar um grupo de companhias de ônibus em São Paulo. Segundo Constantino — o filho — era um trabalho frustrante.

— O esquema de transportes em São Paulo é dominado por um grupo de empresas que divide lucros e perdas. Não adianta você ser mais competitivo porque seu ganho acaba sendo repartido entre este grupo de empresas. É um trabalho que não te permite criar. Na Gol, a gente faz o que quer — diz ele.

O empresário também não se importa com as investigações feitas pelos fiscais do INSS e da Receita Federal nas empresas de ônibus. Acha que a dívida estimada em R\$ 240 milhões não contamina a Gol, que, segundo ele, nada deve na praça.

Há dez anos, Nenê Constantino partilhou suas empresas entre os sete filhos. Os quatro filhos homens — Constantino Jr. inclusive — ficaram com as empresas de São Paulo, enquanto as filhas mulheres, com as empresas de Brasília. Os quatro filhos homens também são donos da Gol, mas a companhia

## O que é a companhia

A EMPRESA EM NÚMEROS		Perfil do passageiro da Gol
Faturamento em 2001: R\$ 270 milhões	Funcionários: 1.300	Idade média: 40 anos
Número de aviões: 11 (mais 3 encomendados)	Participação no mercado em 2001: 6%	70% têm nível superior
Municípios atendidos: 16	Passageiros transportados em 2001: 2,2 milhões	84% pertencem às classes A e B
	Nível de ocupação médio: 6%	Divisão por sexo: 50% homem e 50% mulher
		Total dos que voam pela primeira vez: 4%

## Empresa já tem 6% do mercado

• Engana-se quem pensa que o pai, Nenê Constantino, está distante da Gol. A cada decisão estratégica da empresa aérea, os filhos fazem questão de consultá-lo. E não é para menos. Nenê Constantino conseguiu montar um império de empresas com 4.000 ônibus e faturamento anual de cerca de R\$ 1 bilhão. Ainda que esteja sob a mira da Receita Federal e do INSS, tem muito a dizer aos filhos.

Em um ano, a Gol já detém 6% do mercado de vôos domésticos, encostando na veterana Rio Sul, com 8,5%. Varig e TAM lideram o ranking, com cerca de 30% cada, seguidas da Vasp, com 14%.

— Vamos crescer e chegar a 13% do mercado este ano — promete Constantino Jr.

Pode ser. Com uma estratégia de preço baixo em vôos sem luxos, a Gol vai comendo fatias da concorrência, num momento em que a Transbrasil sai do mercado. Não há bilhetes tradicionais de passagem (a passagem parece um extrato de banco), não há bebidas alcoólicas ou refeições a bordo e a arrumação dos aviões é feita pelos comissários. A julgar pelo faturamento da empresa no ano passado, quem liga para isso? ■